

EM QUE O *MAGISTERIUM* DE PALÁDIO É DIFERENTE NO *OPUS AGRICULTURAE*?

Matheus Trevizam

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

matheustrevizam2000@yahoo.com.br

RESUMO

O escritor romano Rútílio Tauro Emiliano Paládio, autor de um tratado de nome *Opus agriculturae*, tem sido visto como simples compilador de saberes agronômicos romanos e gregos. Contudo, se isso é verdadeiro quanto aos conteúdos técnicos de que ele se apropriou, desejamos demonstrar que o mesmo não ocorre em outros aspectos da composição desse tratado. Ele, assim, dotou-o da estruturação geral de um calendário, variou a escrita do poema que o encerra, seguiu padrão linguístico e estilístico de incomum clareza, organizou índices para cada livro da obra e silenciou pormenores paralelamente levados em conta pelos seus predecessores. Então, ele agilizou a consulta ao *Opus agriculturae* e dotou esse tratado de grande eficácia comunicativa, bem como de sucesso em termos de difusão, sobretudo durante a Idade Média.

Palavras-chave: tratado; composição; calendário; poesia didática; eficácia comunicativa.

ABSTRACT

The Roman writer Rutilius Taurus Emilianus Palladius, author of a treatise called *Opus Agriculturae*, has been considered as a mere compiler of Roman and Greek agronomic knowledge. We aim to show that, even if this is the case concerning the technical information he appropriated, it is not for the other parts of this treatise's composition. Thus, he gave it a calendar-like overall structure, varied the writing of the poem that concludes it, followed a linguistic and stylistic pattern of unusual clearness, established indexes for each book of the work and omitted parallel details that his forebears had taken into account. As a result, he streamlined the consultation of the *Opus Agriculturae* and endowed this treatise with great communicative effectiveness as well as success in terms of dissemination, especially during the Middle Ages.

Keywords: treatise; composition; calendar; didactic poetry; communicative effectiveness.

INTRODUÇÃO

No âmbito dos escritos técnicos latinos, temos, do séc. IV-V d.C., a obra conhecida como *Opus agriculturae* (“Tratado de agricultura”). Seu autor, para nós ignorado a não ser pelas poucas informações que dele se depreendem a partir do próprio texto dessa obra, chama-se Rútílio Tauro Emiliano Paládio.

Seria, então, um indivíduo oriundo dos altos estratos da sociedade, pois os abundantes manuscritos de *Opus agriculturae*¹ o dizem *uir inlustris* (“varão notável”), tendo semelhante denominação começado a ficar em uso a partir da segunda metade do séc. IV d.C., para referir aqueles bem situados no Senado romano (FITCH, 2013, p. 11).

Paládio revela-se um estudioso das questões agrárias não apenas por meio de fontes livrescas, mas ainda por ter-se envolvido diretamente com a terra, tendo sido proprietário de *fundi rustici* em áreas como a Sardenha (4.10.16; 12.15.3), algum ponto inominado da Itália (4.10.24) e as imediações da cidade de Roma (3.25.1). Além disso, trechos como estes “testemunham” o pessoal envolvimento do autor com questões de cultivo:

A poda traz tanto proveito às árvores novas do pinheiro – *o que comprovei* – que o crescimento esperado se dá em dobro.²

A castanheira é enxertada, *como eu mesmo comprovei*, sob o córtex no mês de março ou de abril, mas responde de um modo e outro.³

A obra paladiana, fundamentalmente, cumpre em época tardia o papel de realizar o “fechamento” da longa tradição dos escritos sobre a terra em Roma Antiga. Semelhante tradição, a saber, inicia-se com Catão, o Velho (*De agri cultura*, séc. III-II a.C.), depois perpassando Marco Terêncio Varrão (*Rerum rusticarum libri* III, séc. I a.C.), Públio Virgílio Marão (*Geórgicas*, séc. I a.C.), Lúcio Júnio Moderato Columela (*De re rustica*, séc. I d.C.), Gargílio Marcial (*De arboribus pomiferis*, séc. III d.C.) etc.

Em certo sentido, *Opus agriculturae* constitui uma espécie de súpula dos conhecimentos de todos esses autores, na medida em que o essencial de seus saberes – ou mesmo dos saberes de especialistas em outras áreas, como o arquiteto Vitrúvio Polião (séc. I a.C.) – foi retomado e aludido, nem sempre nominalmente, por Paládio. A isso há que acrescentar as leituras feitas em grego por esse autor, de modo que certas técnicas da lida camponesa teriam sido desenvolvidas pelo agrônomo romano inclusive com base em Anatólio

¹ Observa Casas (1990, p. 53), tradutora da obra de Paládio ao espanhol: La obra de Paladio, con más de ochenta manuscritos de estos siglos [XII-XIV], debía de ser el manual agronómico más corriente, a juzgar por el número escaso de copias coetáneas de los demás agrónomos: un solo testimonio de Catón y Varrón, y ningún superviviente de Columela. – “A obra de Palladio, com mais de oitenta manuscritos destes séculos [XII-XIV], deve ter sido o manual agronómico mais corrente, a julgar pelo pequeno número de exemplares contemporâneos dos demais agrónomos: um único testemunho de Catão e Varrão, e nenhum supérstite de Columela” (todas as traduções do artigo são nossas).

² Paládio, *Opus agriculturae* 12.7.12: *Putatio nouellas pini arbores tantum promouet, quod expertus sum, ut, quae speraueras incrementa, duplicentur* (grifo nosso).

³ Paládio, *Opus agriculturae* 12.7.22: *Castanea inseritur, sicut probaui ipse, sub cortice mense martio uel aprili, tamen genere utroque respondet* (grifo nosso).

de Beirute, cujo tratado, perdido para nós, ajudaria a alimentar os *Geoponici Graeci* na Bizâncio do séc. X d.C.

Elencando as fontes técnicas de Paládio nessa obra, Fitch (2013, p. 13) observa, em tentativa de identificar suas referências no quesito das principais áreas temáticas recobertas por *Opus agriculturae*:

Além de sua própria experiência, Paládio se baseia principalmente em três autoridades. Para as culturas arvenses, incluindo vinhas e azeitonas, e para a criação de animais, ele recorre a Columela, que escreveu no primeiro século d.C. Como sua fonte principal sobre hortos e árvores frutíferas, Paládio emprega Gargílio Marcial, que escreveu no século III; visto que essas obras de Marcial são agora, em grande parte, perdidas, Paládio oferece indicações valiosas sobre seu conteúdo. Terceiro, para assuntos mais exóticos, como receitas de vinhos aromatizados, Paládio baseia-se em uma compilação de informações agrícolas do escritor grego do séc. IV, Anatólio de Beirute.⁴

Desejamos nesta exposição, porém, não tanto destacar o que Paládio possa ter devido a tantos antecessores, mas direcionar-nos preferencialmente para os traços de “idiossincrasia” de *Opus agriculturae*. Tais traços, a saber, concernem a peculiar disposição de conteúdos ao longo da obra, as particularidades do Poema que a encerra, a evidente clareza e eficácia comunicativas do conjunto, bem como eventuais “silêncios”, no contraste com questões profusamente discutidas por antecessores desse agrônomo tardio.

1 A DISPOSIÇÃO MAJORITARIAMENTE CRONOLÓGICA DOS CONTEÚDOS EM *OPUS AGRICULTURAE*, PECULIARIDADES NO TOCANTE À CONFORMAÇÃO DO LIVRO 15 DA OBRA

O olhar para a estruturação global do “Tratado de agricultura” paladiano permite-nos descrever a obra do seguinte modo: ela contém, como hoje a conhecemos, o total de quinze livros. Desses, o primeiro é uma espécie de introdução generalizante sobre vários assuntos de relevo para todo interessado em cultivar com proveito seu lote de terra: nos tópicos em jogo se incluem a própria escolha de uma boa zona de cultivo (cap. 4-5), a disposição e feita

⁴ In addition to his own experience, Palladius draws chiefly on three authorities. For field crops, including vines and olives, and for animal husbandry he relies on Columella, who wrote in the first century AD. As his chief source on vegetable gardens and fruit trees, Palladius uses Gargilius Martialis, who wrote in the third century; since these works of Martialis are now largely lost, Palladius gives us valuable indications of their content. Third, for more exotic material such as recipes for flavoured wines, Palladius draws on a compilation of agricultural information by the fourth-century Greek writer Anatolius of Beirut.

de edifícios agrários de diferentes tipos (cap. 8ss.), conselhos para a criação de aves domésticas como tordos, galinhas e pavões (cap. 26-28) etc.

Entre os livros 2 e 13, que concentram o núcleo da exposição técnica nessa obra, cada livro foi especificamente dedicado a descrever as tarefas agrícolas cabíveis nos sucessivos meses do ano. Portanto, o livro 2 recobre as tarefas esperadas em janeiro; o livro 3 aquelas de fevereiro, o livro 4 aquelas de março e assim sucessivamente, até o livro 13 e as poucas operações ainda cabíveis ao agricultor em dezembro, no final do ano e já próximo da estação do inverno:

Os *hypomelides*, como Marcial afirma, são frutos semelhantes à sorva. Nascem de árvore mediana e de flor esbranquiçada. A doçura deste fruto se combina com um sabor ácido. Semeia-se *no mês de dezembro*, por caroços postos em vasinhos. Mas, no mês de fevereiro, a muda do *hypomelis*⁵ é transferida, se tiver robustez como a espessura de um polegar, para uma cova bem pequena, em terra solta e abundante esterco.⁶

Em si mesma, a disposição dos assuntos técnicos sob a forma de um “calendário civil”⁷ e agrícola no cerne preceituador de *Opus agriculturae* parece constituir algo sem imediatos precedentes na tradição greco-latina dos escritos sobre a terra. Embora *Os trabalhos e os dias* de Hesíodo, poema grego datado do séc. VII a.C., já contivessem ao final (v. 765-828) o “calendário” das tarefas ano a ano esperadas de um agricultor, não era algo extensível a toda a obra.⁸

Em Roma, apesar de se observarem tentativas, no *De agri cultura* (“Sobre a agricultura”) de Catão, o Velho, de disposição parcial das tarefas rústicas em

⁵ André (2010, p. 128) explica que se trata de árvore mal determinada; talvez seria o “mostajeiro” (*Sorbus torminalis* L.).

⁶ Paládio, *Opus agriculturae* 12.4.1: *Hypomelides poma sunt, ut Martialis adserit, sorbo similia. Mediocri arbore nascuntur et flore candidulo. Dulcendo huic fructui cum acuto sapore commixta est. Seritur mense decembri nucleis in uasculis positis. Mense autem februario hypomelidis planta sed pollicis magnitudine robusta transfertur breuissimo scrobe soluta terra plurimo stercore* (grifo nosso).

⁷ Em *De re rustica* 11.2.3ss., livro majoritariamente destinado a descrever as obrigações do *uilicus* (“capataz”) da propriedade rural, Columela agregara um calendário que continha, além do tempo, as atividades cabíveis nas terras. Mas se tratava, claramente, de um “calendário astronômico”, em que a passagem do tempo não era indicada apenas por dias e meses, sendo antes imbricada às menções ao surgimento ou ocultamento dos astros.

⁸ Por vezes, os críticos também se posicionaram como se o “calendário” hesiódico fosse uma interpolação, ou parte não originalmente composta pelo poeta grego. Veja-se Toohey (1996, p. 23): And finally, as a third section (*which is probably not written by Hesiod*), there is technical and detailed instruction on the farmer’s calendar, detailing the days of the month in which it is or is not advisable to perform a variety of actions. – “E, finalmente, como uma terceira seção (*que provavelmente não foi escrita por Hesíodo*), há instruções técnicas e detalhadas sobre o calendário do fazendeiro, detalhando os dias do mês em que é ou não aconselhável realizar diversas ações” (grifo nosso).

sequência cronológica,⁹ esse manual possui ao todo cento e sessenta e dois capítulos. Nas demais obras latinas que têm o oferecimento de preceitos sobre a vida rústica como meta – a exemplo das *Geórgicas* de Virgílio –, a menção à cronologia é esporádica e jamais determinante do modo construtivo global do(s) texto(s):

Na vernal estação – quando a água dos alvos montes
flui e a gleba desfeita se soltou com o Zéfiro –,
afundando o arado, já me comece logo o touro
a gemer e a relha a brilhar, friccionada pelo sulco.
Esta seara, enfim, corresponderá aos votos do parco
agricultor: a que duas vezes o sol, duas o frio sentiu;
imensas messes dele têm rompido os celeiros.¹⁰

Varrão, *R.R.* 1.29-37 trata do mesmo assunto, e V. também foi influenciado por Hes. *T.D.* 618-94, lidando com a *temporada de navegação* – pois, em outros lugares, a navegação e a agricultura são equiparadas (cf. 50n.). Esta seção [do chamado “calendário” de *Geórgicas* 1.204-230], e ainda mais a que se segue (231-58), é pontilhada por reminiscências e fusão de modelos arcaicos gregos, helenísticos e romanos. Também é estruturada por cinco pares de versos (204-5, 208-9, 217-18, 221-2, 229-30) com natureza altamente literária, que *prescrevem atos agrícolas por meio de detalhes astronômicos*.¹¹

Destacando esse aspecto estrutural de *Opus agriculturae*, Casas (1990, p. 7) comenta que a notória organização dos temas agrários internamente ao “Tratado” – sobretudo devida à sua maciça conformação como uma “agenda” – aproximaria tal texto da facilidade de consulta de um livro moderno. A estudiosa acrescenta a esse juízo que, inclusive por causa de sua

⁹ Goujard, 1975, p. XXXIV: Les modernes ont souligné l'incohérence de l'ensemble; cependant, une intention de mise en ordre apparaît nettement. Caton a peut-être hésité d'abord entre deux principes, l'ordre chronologique, inapplicable à l'ensemble, et suivi tant bien que mal du chapitre 23 à 52, et le groupement par matières, ébauché dans le reste de l'ouvrage. – “Os modernos apontaram a inconsistência do todo; no entanto, uma intenção de colocar os temas em ordem aparece claramente. Catão pode ter hesitado no começo entre dois princípios, a ordem cronológica, inaplicável ao todo e de alguma forma seguida do capítulo 23 ao 52, e o agrupamento por assuntos, esboçado no restante da obra” (grifo nosso).

¹⁰ Virgílio, *Geórgicas* 1.43-49: *Vere nouo, gelidus canis cum montibus umor/ liquitur et Zephyro putris se glaeba resoluit,/ depresso incipiat iam tum mihi taurus aratro/ ingemere et sulco attritus splendescere uomer./ Illa seges demum uotis respondet auaril/ agricolae, bis quae solem, bis frigora sensit;/ illius immensae ruperunt horrea messes* (grifo nosso).

¹¹ Virgil, 1994, p. 103: Varro, *R.R.* 1.29-37 treats the same subject, and V. has also been influenced by Hes. *W.D.* 618-94, dealing with the *sailing season* – as elsewhere navigation and agriculture are equated (cf. 50n.). This section, and even more the one to follow (231-58), is peppered with reminiscence and conflation of archaic Greek, Hellenistic and Roman models. It is also given structure by five couplets (204-5, 208-9, 217-18, 221-2, 229-30), highly literary in nature, which *prescribe agricultural acts through astronomical detail* (grifo nosso).

peculiar disposição temática, *Opus agriculturae* se destinou, na Era medieval, a ser a principal obra antiga de consulta sobre assuntos agrícolas, enquanto os predecessores romanos de Paládio caíram no olvido até os alvares do Renascimento (CASAS, 1990, p. 7-8).

Os livros 14 e 15 destacam-se do padrão introdutório do livro inicial e daquela porção mediana de *Opus agriculturae* que é uma espécie de “calendário” agrícola por questões de ordem conteudístico-formal, ou mesmo pela efetiva integração à obra ao longo dos séculos. Com isso, desejamos referir que aquele de número 14 constitui, na verdade, um pequeno tratado de medicina veterinária interno a *Opus agriculturae*, sendo seus temas – depois de detalhada catalogação de ervas, substâncias minerais ou outras, de uso farmacológico pelo fazendeiro – os males e tratamentos dos bovinos (cap. 4ss.), dos equinos (cap. 22ss.), das mulas (cap. 28), das ovelhas (cap. 29ss.), dos caprinos (cap. 33 ss.), dos porcos (cap. 36ss.) etc.

Esse mesmo livro 14, ainda, não foi em geral integrado às sucessivas edições de *Opus agriculturae* anteriores ao começo do séc. XX, pois na verdade se encontrava “extraviado” da maior parte das cópias, até que o filólogo sueco Joseph Svennung o encontrou em 1925, no códice *Ambrosianus C 212 inf.* (MARTIN, 1976, p. XXI). Explica Régis Martin, especialista na obra dos agrônomos romanos e prefaciador da edição *Les Belles Lettres* dos livros 1 e 2 do “Tratado de agricultura”, que semelhante omissão deve ter-se devido a um fator de praticidade na difusão da obra. Na verdade, sendo o livro veterinário relativamente longo e ainda dotado de tema um tanto especializado, diante do escopo agrícola da maior parte do texto, nem sempre os copistas se deram ao trabalho de reproduzi-lo, o que teria determinado sua difusão e conservação em escassos manuscritos (MARTIN, 1976, p. XXV).

O livro 15, por sua vez, é aquele mais diferenciado na forma do restante das subdivisões de *Opus agriculturae*, na medida em que é o único da obra inteira a ter sido composto em versos. Isoladamente, esse livro poético do “Tratado de agricultura” é chamado *Carmen de insitione* (“Poema sobre o enxerto”) e contém oitenta e cinco dísticos elegíacos, em cobertura à técnica da enxertia arbórea de diferentes espécies. Não podemos, no entanto, dizer que Paládio tenha proposto algo de todo inédito ao mesclar prosa e poesia na escrita de sua obra agrícola, pois o livro 10 do *De re rustica* de Columela já fora composto séculos antes, justamente, como um pequeno poema didático a respeito do cultivo das hortas.¹²

¹² Como recorda David Paniagua Aguilar (2006, p. 273), este livro do *De re rustica* de Columela começa em prosa, com sua dedicatória a um Públio Silvino. Depois, segue-se a parte em versos – compreendendo quatrocentos e trinta e dois hexâmetros datílicos –, redigida como um “calendário agrícola no qual foram reunidas todas as tarefas e trabalhos do campo que se devem realizar em cada época do ano. Esta ‘agenda’ do agricultor se inicia com os trabalhos de

Mas seria possível acrescentar, com fins de esclarecimento sobre a conformação do mesmo livro 15 de *Opus agriculturae*, que tal parte do “Tratado” de Paládio não se conforma em tudo aos ditames da chamada “poesia didática antiga”. Como têm destacado os críticos (TOOHEY, 1996, p. 4ss. e VOLK, 2002, p. 44), essa tipologia literária – quer seja vista como espécie da épica, quer como um gênero independente – remonta à iniciativa de composição d’*Os trabalhos e dias* de Hesíodo de Ascra (séc. VIII-VII a.C.).

Dessa forma, havendo toda uma “linhagem” de autores didáticos que sucederam Hesíodo com relativa proximidade, no tocante aos aspectos formais ou comunicativos de suas respectivas obras, alguns dos elementos mantidos por essa tradição foram 1. as figuras do *magister* (“emissor imbuído de conhecimentos”) e do *discipulus* (“receptor de saberes”), 2. a abordagem mais ou menos sistemática de um tema sério (agricultura, caça, pesca, astronomia, filosofia etc.), 3. o emprego do verso hexâmetro datílico, o mesmo da tradição homérica ou épica em geral, para compor os textos e 4. a frequente intercalação de “painéis” ilustrativos em meio aos preceitos.¹³

Ora, em contraste com o que havia em efetivos poemas didáticos como as *Geórgicas* virgilianas ou o livro 10 do *De re rustica* de Columela, faltam ao supracitado livro 15 de *Opus agriculturae* certos elementos fortemente associáveis a essa tipologia. Começando pelo que a crítica, eventualmente, chamou de “constelação professor-aluno” (VOLK, 2002, p. 37), notamos que se manifesta em *Carmen de insitione* a voz professoral de um *magister* instrutor, sobretudo a respeito de quais espécies arbóreas (vinhas, oliveiras, pereiras, romãzeiras, macieiras, pessegueiros, etc.) admitem ser enxertadas em outras.

Contudo, um fator como o direcionamento explícito ao *discipulus* não se acha tão bem representado no livro 15 de Paládio: somente em v. 1-10 dessa subdivisão de seu “Tratado” notamos a interpelação em segunda pessoa ao

outono, de 24 de setembro ao 9 de novembro [...]. O poema se acaba fechando o ciclo anual dos trabalhos com o retorno das labutas precoces de outono” (calendario agrícola en el que están recogidas todas las tareas y las labores de campo que deben realizarse en cada época del año. Esta agenda del agricultor se inicia con los trabajos de Otoño, del 24 de septiembre al 9 de noviembre [...]. El poema concluye cerrando el ciclo anual de los trabajos con el retorno de las labores tempranas de Otoño).

¹³ Segundo a terminologia de Toohey (1996, p. 4ss.), tais “painéis” são trechos mais ou menos extensos dos poemas didáticos usualmente conformados. Podendo apresentar teor narrativo (frequentemente mítico), encomiástico ou descritivo – de uma paisagem, de uma cena etc. –, permitem aos autores alternar o modo instrucional da simples preceituação para formas distintas de ensinamento. No Canto 2 das *Geórgicas*, por exemplo, os principais trechos afins são o painel descritivo das *Laudes Italiae* (“Elogios à Itália”, v. 136-176) e o encomiástico das *Laudes ruris* (“Elogios ao campo”, v. 458-540).

receptor (Pasífilo),¹⁴ o que ocorre através da recorrência a um vocativo desse nome próprio (v. 1), a formas verbais de segunda pessoa do singular (v. 7-8) e a um pronome possessivo (v. 10). Na sequência dos versos do livro 15, o *magister* agrário opta por ensinar a enxertia arbórea apenas se referindo às plantas em terceira pessoa, como se elas não necessitassem do auxílio humano para a implementação do meio reprodutivo em jogo.

Quanto ao elemento da abordagem sistemática de um tema sério, embora a agricultura – e, por conseguinte, a técnica dos enxertos que nela se insere como tópico reprodutivo das plantas – constitua um assunto tradicional da poesia didática antiga desde Hesíodo, passando pelo Virgílio das *Geórgicas*, não seria possível privilegiar a sistematicidade ao longo de, somente, oitenta e cinco dísticos elegíacos. Faltam ao livro 15 de *Opus agriculturae*, com efeito, instruções mais detidas sobre o corte dos garfos de enxertia, sobre sua fixação e nutrição etc., pontos esses abordados pelo próprio Paládio em vários livros anteriores da obra.¹⁵

Paládio, por motivo obscuro,¹⁶ ainda se serviu da estrofe do dístico elegíaco – não do verso hexâmetro datílico ou “heroico” – a fim de compor o *Carmen de insitione*, com isso se distanciando formalmente da possibilidade de encaixe de semelhante livro do “Tratado” na condição de um usual poema didático, compreendido como parte/espécie da épica.¹⁷ Lembramos que um antecedente, na série dos poemas didáticos antigos, para o emprego dos dísticos elegíacos em vez dos hexâmetros datílicos diz respeito à *Ars amatoria* e aos *Remedia amoris* de Ovídio (séc. I a.C. – I d.C.), devendo-se todavia

¹⁴ Assim como quase nada sabemos sobre Paládio, não é fácil associar alguma personagem histórica a Pasífilo, *discipulus* e dedicatário de *Opus agriculturae* 15 (em que pesem as eventuais tentativas). Então, como certo testemunho do historiador Amiano Marcelino (*Res Gestae* 29.1.36) apresenta à maneira de um réu torturado certo filósofo de mesmo nome, por ter se envolvido em 317 d.C. numa conspiração contra o imperador Valente, esse pequeno detalhe já deu ensejo para situar no séc. IV d.C. a datação do tratado de Paládio (MEYER, 1855, p. 331).

¹⁵ Vejam-se livros 1.6.4; 1.7.1; 3.17; 3.25.3; 4.1.2; 5.2.1-2; 5.4.4; 6.6; 7.5.2-4; 8.3; 9.6; 11.7; 11.12.5.

¹⁶ Veja-se, sobre a preferência de vários poetas dos tempos de Paládio pelo dístico elegíaco, Trevizam (2021, p. 162, nota 17): Na época “tardia” da latinidade, o próprio fabulista Flávio Aviano (séc. IV-V d.C.) serviu-se da estrofe elegíaca para compor suas quarenta e duas fábulas, apesar da preferência em Fedro (séc. I d.C.), por exemplo, pelos senários jâmbicos. O polígrafo Cláudio Claudiano, ainda, mais ou menos contemporâneo de Paládio e Aviano, seguiu (inclusive em partes do poema épico chamado *De raptu Proserpinae*) esse mesmo modelo métrico.

¹⁷ Veja-se Vasconcellos (2014, p. 12): Quintiliano, de fato [em *Institutio oratoria* 10.51], ao tratar do primeiro gênero de seu catálogo, faz um recorte a partir do verso empregado por todos os poetas épicos que cita: o verso heroico (cf. *in herois*, 88, em menção ao metro das *Metamorfoses* de Ovídio), o hexâmetro datílico, de que falaremos mais abaixo. Não é o primeiro a apresentar tal categorização; em sua *Poética*, Aristóteles já mencionava esse tipo de classificação das obras pelo metro (1447b, 15), um critério por ele rejeitado.

considerar que, no caso dessas obras, tal escolha métrica foi ditada pelo próprio hibridismo genérico dos textos (TREVIZAM, 2004, p. 129-139). Ou seja, a existência de todo um fundo elegíaco atinente aos *tópoi*, personagens e situações evocadas em um e outro poema erotodidático ovidiano favoreceu a mais justificada acolhida da estrofe associada ao gênero da elegia erótica romana nesses textos.

Por fim, não há no *Carmen* a intercalação de verdadeiros “painéis” em meio aos ensinamentos sobre o enxerto de espécies arbóreas variadas, pois a transmissão elementar dos saberes técnicos ocorre, ali, de forma direta e contínua. A única “exceção” nessa praticidade comunicativa diz respeito a poucas e discretas alusões míticas, como se dá pela evocação em v. 143-148 do mito da metamorfose da ninfa Dafne em loureiro, depois de uma perseguição malograda pelo deus Apolo:

DA CEREJEIRA.

*Enxerta-se a cerejeira no loureiro e, impondo-se o fruto,
adotado pudor pinta a face virginal.*

Faz plátanos frondosos e a ameixeira de vicioso caule
colorirem os membros com seus gomos
e matiza as ramagens do choupo com um novo dom,
assim cobrindo suave rubor os braços alvos.¹⁸

John G. Fitch, em nota *ad locum* na tradução inglesa de *Opus agriculturae* (PALLADIUS, 2013, p. 267), observa que o “rubor” notado no loureiro, após a planta ser “forçada” à união com outra espécie – a própria cerejeira, no contexto – remete à lenda sobre como a árvore hospedeira deixou de ser ninfa para passar a vegetal. Finalizamos este item expositivo fazendo notar que no livro 10 do *De re rustica* de Columela também não havia “painéis ilustrativos” longos, mas várias alusões metonímicas a mitos através de suas associações com elementos da Natureza.¹⁹

Ou seja, nem sempre a totalidade dos elementos caracterizadores da poesia didática se acha bem representada em todos os textos “candidatados” a adentrarem essa tipologia, bastando para tanto que a maioria deles

¹⁸ Paládio, *Opus agriculturae* 15.143-148: *DE CERASO. Inseritur lauro cerasus partuque coacto/ tingit adoptius uirginis ora pudor./ Vmbrantes platanos et iniquam robore prunum/ compellit gemmis pingere membra suis/ populeasque nouo distinguit munere frondes,/ sic blandus spargit brachia cana rubor* (grifo nosso).

¹⁹ Vejam-se, a título de exemplificação, v. 56 (*Phoebus*, “Febo”, em vez de “sol”), v. 235 (*Iaccho*, “a Iaco”, outro nome do deus Baco, em vez de “ao vinho” e v. 288 (*Latonia Phoebe*, “Febe de Latona”, em vez de “lua”) etc.

(diversamente do que ocorre com o *Carmen de insitione* paladiano, como se disse) o esteja.

2 CLAREZA E PRONTA EFICÁCIA COMUNICATIVA

Do ponto de vista do padrão expressivo seguido por Paládio para a composição da obra *Opus agriculturae*, a crítica tem insistido tratar-se de um texto bastante vinculado aos usos linguísticos do latim Clássico, o que é indicador do alto grau de letramento do autor e deve ter-lhe demandado esforços, por escrever numa Era tardia das Letras antigas.²⁰ Também não faltam tentativas por parte de Paládio, mesmo sem contarmos o esforço de composição do livro 15 em versos, de conceder alguma elaboração retórica à prosa de *Opus agriculturae*.

Isso fica óbvio, por exemplo, na questão dos fechos ritmados de períodos – que se encontram ao longo de todo o “Tratado de agricultura” –, mas ainda se manifesta em outros aspectos do mesmo texto, segundo respectivamente destacaram Trevizam (2022, p. 10) e Casas (1990, p. 12-13):

Martin (1976, p. XLVI – nota 72), dessa forma, encontra o emprego dos seguintes ritmos oratórios no trecho em jogo [o próprio prefácio de *Opus agriculturae*]: *aestimare personam* (crético-trocaico); *rhetores aemulari* (crético-dicoreu); *loquuntur rusticis* (espondeu-crético); *possit intellegi* (dicrético). Ademais, na expressão *reprehendimus imitemur* o mesmo crítico aponta a presença de um fecho hexamétrico, algo, de resto, não incomum na prosa de Paládio. Esse efeito se acha também em I, 6, 15 (*horis operandis*); VIII, 1, 1 (*calendas iterentur*) etc.

Quase todas as figuras de linguagem tinham espaço em algum lugar do *Opus Agriculturae*. Em estudos posteriores, notou-se que o uso de *uariatio* e personificação era frequente e que sua prosa estava sujeita a cláusulas métricas. Nessas condições,

²⁰ Martin, 1976, p. XXXIX: En dépit de sa date tardive, le traité de Palladius est écrit dans une langue relativement “classique”, surtout si l’on tient compte du fait que très tôt les traités techniques ont eu tendance à négliger le purisme et à accueillir des tournures appartenant à la langue familière plutôt qu’à la langue littéraire. Il est certain que Palladius était un homme cultivé, connaissant parfaitement Vitruve et Collumelle – ce dernier tout au moins remarquable styliste –, sachant aussi le grec et traduisant en général fort bien les *Géoponiques*. – “Apesar de sua data tardia, o tratado de Paládio é escrito em uma linguagem relativamente ‘clássica’, especialmente se levarmos em conta o fato de que já os primeiros tratados técnicos tenderam a negligenciar o purismo e a acomodar frases pertencentes à linguagem coloquial em vez da linguagem literária. É certo que Paládio era um homem culto, conhecendo perfeitamente Vitruvius e Columela – este último, pelo menos, um notável estilista –, sabendo também o grego e traduzindo muito bem os *Geopônics* em geral”.

cada novo exemplo de quiasmo ou aliteração era usado como prova de uma contradição interna do autor contra um suposto propósito antirretórico.²¹

Em que pese o inegável cuidado paladiano com o estilo do texto, trata-se de algo *bem dosado* e jamais obscurecido pela meta fundamental de dotar sua obra de pronta utilidade comunicativa para todos os consulentes em matéria agrícola. Semelhante cautela e direcionamento patenteiam-se, já, no curto prefácio à obra inteira, no qual o agrônomo convida os tratadistas técnicos ao bom-senso, pois aqueles – como o próprio Columela, subentendendo (ARMENDÁRIZ, 1995, p. 32) – inclinados “a falar eloquentemente aos rústicos conseguiram que seu método sequer pelos mais eloquentes pudesse ser entendido”.²²

No tocante a dois de seus principais antecessores na prosa agrária latina – Varrão do *Rerum rusticarum libri* III e Columela do *De re rustica* –, poderíamos acrescentar que o padrão expressivo da prosa de Paládio se diferencia, apesar da preferência pelas frases curtas e de alguns pleonasmos ou, talvez, vulgarismos (CASAS, 1990, p. 21), por colocar-se num plano intermediário entre certo “despojamento” e o requinte. Com efeito, o “desarranjo” do latim varroniano na obra aludida muitas vezes desconcertou os filólogos, ora inclinados a ver nas liberdades linguísticas do autor a mimetização da fala cotidiana, sendo seu texto construído sob a forma de diálogos; ora um reflexo da maior “pobreza” e praticidade estilísticas da prosa técnica (MARTIN, 1976, p. XXXIX).

A título de exemplificação, podemos citar, entre os recursos linguísticos em uso frequente nos *Rerum rusticarum libri* III e que foram associados à oralidade, as elipses de substantivos ou verbos;²³ os pleonasmos;²⁴ as silepses de

²¹ Casi todas las figuras retóricas tenían cabida en algún lugar del *Opus agriculturae*. En estudios posteriores se advertía que el recurso de la *uariatio* y a la personificación era frecuente y que su prosa estaba sometida a clausulas rítmicas. En estas condiciones, cada nuevo ejemplo de quiasmo o de aliteración se esgrimía como prueba de una contradicción interna del autor frente a una pretendida finalidad antirretórica.

²² Paládio, *Opus agriculturae* 1.1.1: ... *dum diserte loquuntur rusticis, adsecuti sunt, ut eorum doctrina nec a disertissimis possit intelligi*.

²³ Saint-Denis, 1947, p. 144-145: 2, 11, 9 (*a quarta ad decimam*, s.-e. *horam*); 3, 17, 10 (*cum lata candidus noster*, s.-e. *purpura*); du verbe *dicere*: 1, 22, 6 (*hic haec*); 1, 23, 7 (*Cato non male*); 2, 5, 1 (*haec hic*); 2, 11, 12 (*illi hoc*); 3, 17, 10 (*nos haec*); du verbe *uenire*: 1, 2, 11 (*illi interea ad nos*); 3, 17, 10 (*candidatus noster... in uillam*); du verbe *facere-fieri*: 1, 2, 1 (*quid uos hic?*); 1, 34, 2 (*haec aliquot regionibus*). – 2, 11, 9 (*a quarta ad decimam*, s.-e. *horam*); 3, 17, 10 (*cum lata candidus noster*, s.-e. *purpura*); do verbo *dicere*: 1, 22, 6 (*hic haec*); 1, 23, 7 (*Cato non male*); 2, 5, 1 (*haec hic*); 2, 11, 12 (*illi hoc*); 3, 17, 10 (*nos haec*); do verbo *uenire*: 1, 2, 11 (*illi interea ad nos*); 3, 17, 10 (*candidatus noster... in uillam*); do verbo *facere-fieri*: 1, 2, 1 (*quid uos hic?*); 1, 34, 2 (*haec aliquot regionibus*).

²⁴ Saint-Denis, 1947, p. 145: *etiam quoque* (1, 1, 3; 1, 2, 14); *et etiam* (1, 17, 2; 1, 48, 1; 1, 59, 3 [...]); *quod enim* (1, 13, 4); *itaque ideo* (1, 8, 7; 1, 16, 5); *itaque ita* (1, 45, 3); *itaque propterea* (1, 2, 19).

número;²⁵ a parataxe;²⁶ a manutenção do gerúndio em vez do gerúndio²⁷ etc. Quanto ao “reverso da medalha”, Columela, basta citar o juízo de Armendáriz (1995, p. 32), para o qual

A busca constante da *uariatio* na sintaxe e no léxico, o gosto pela disposição simétrica, ou mediante correlações, dos membros da frase ou do período, a observação, enfim, das normas da prosa métrica configuram o estilo de Columela como uma genuína mostra da melhor latinidade argêntea. O agrônomo de Cádiz quis sem dúvida dar ao tema objeto de seu estudo carta de cidadania na república das Letras; mais adiante veremos como sua língua cuidada e elegante suporia um obstáculo para a difusão posterior de sua obra.²⁸

Outros fatores, porém, além da correção linguística e do equilíbrio elocutório paladiano, contribuem para facilitar o contato do leitor com *Opus agriculturae*. Referimo-nos, inclusive, ao emprego dos *tituli* (“títulos”) para os sucessivos capítulos do “Tratado” e à sua reiteração no início de cada livro da obra, o que acaba criando verdadeiros índices de assuntos logo à cabeceira de tais livros.²⁹ Sem dar maiores explicações, Casas (1990, p. 9-10) faz remontar

²⁵ Saint-Denis, 1947, p. 147: Passage d’un singulier collectif à un pluriel: *familia... si fessi* (1, 13, 1); *herba... de his* (1, 49, 1); *capra... harum* (2, 3, 7); *utraque fenestra... factae... per eas* (3, 9, 6). – “Transição de um singular coletivo para um plural: *familia... si fessi* (1, 13, 1); *herba... de his* (1, 49, 1); *capra... harum* (2, 3, 7); *utraque fenestra... factae... per eas* (3, 9, 6)”.

²⁶ Saint-Denis, 1947, p. 155: La préférence de la langue parlée pour les constructions paratactiques (cf. Lindsay, p. 66) apparaît dans *licet adicias* (1, 2, 16; cf. Plaute). – “A preferência da linguagem falada por construções paratáticas (cf. Lindsay, p. 66) aparece em *licet adicias* (1, 2, 16; cf. Plauto)”.

²⁷ Saint-Denis, 1947, p. 157: La substitution de l’adjectif verbal en *-ndus* au gérondif, lorsque celui-ci est accompagnée d’un complément à l’accusatif, ne s’imposait pas dans la langue parlée, comme il appert d’après les exemples de Plaute, de Lucrèce, d’Afranius; cf. Lindsay, pp. 77-78; Juret, *op. cit.*, pp. 190-191. Varron, dans ses préceptes des *R.R.*, use fréquemment du tour *uidendum (est) haec*, au lieu de *uidenda sunt haec*, 1, 6, 1; cf. 1, 11, 2; 1, 20, 1; 1, 20, 2; 1, 20, 5 [...]. – “A troca do gerúndio – quando este vem acompanhado de um complemento no acusativo – pelo adjetivo verbal em *-ndus* não era essencial na língua falada, como se depreende dos exemplos de Plauto, Lucrécio, de Afrânio; ver Lindsay, pp. 77-78; Juret, *op. cit.*, pp. 190-191. Varrão, em seus preceitos dos *R.R.*, usa frequentemente a construção *uidendum (est) haec*, em vez de *uidenda sunt haec*, 1, 6, 1; ver 1, 11, 2; 1, 20, 1; 1, 20, 2; 1, 20, 5 [...].”.

²⁸ La búsqueda constante de la *uariatio* en la sintaxis y el léxico, el gusto por la disposición simétrica, o mediante correlaciones, de los miembros de la frase o del periodo, la observancia, en fin, de las normas de la prosa métrica, configuran el estilo de Columela como una genuína muestra de la mejor latinidad argêntea. El agrônomo de Gades quiso sin duda dar al tema objeto de su estudio carta de ciudadanía en la república de las letras; más adelante veremos cómo su lengua cuidada y elegante supondría un obstáculo para la difusión posterior de su obra.

²⁹ Por exemplo, os cinco *tituli* iniciais do próprio livro 1 de *Opus agriculturae* são *De praeceptis rei rusticae* (“Dos preceitos sobre o campo”); *De quattuor rebus, quibus agricultura consistit* (“Dos quatro pontos em que consiste a agricultura”); *De aeris probatione* (“Da prova do ar”); *De aqua probanda* (“Da prova da água”); *De qualitate terrarum* (“Da qualidade das terras”).

tal processo de indexação dos capítulos nas sucessivas subdivisões dessa obra aos “livros de leis, indubitavelmente quando já não se escrevia em volumes, mas sim em códices, como deveu ocorrer com o tratado de Paládio”.³⁰ Fazemos, no entanto, atentar para o fato de que obras jurídicas como *Imperatorii Theodosiani Codex* (séc. V d.C.) e, mais tardiamente, *Imperatoris Iustiniani Institutionum libri quattuor* (séc. V-VI d.C.) estão conformadas a esse mesmo padrão compositivo.

Além disso, a consulta aos tópicos de cultivo ou trato animal, nos livros do “calendário”, é auxiliada pelo nítido esforço de Paládio de distribuí-los, livro a livro, conforme certo padrão reconhecível. Na verdade, a ordem de aparecimento desses tópicos nada tem de aleatório, nos livros referidos: isso porque, de maneira geral, o autor prefere iniciá-los com a cobertura das plantas – vinhas e grãos primeiro que as hortenses e as hortenses antes das frutíferas; depois, passa aos animais pequenos ou grandes – abelhas, aves, porcos, bovinos etc. – e termina com a medição das horas em cada mês (CASAS, 1990, p. 36).

Também não poderíamos deixar de referir que, no livro 14, a ordem de citação das várias substâncias farmacológicas do cap. 3 – absinto, folhas de alcaparra, marroio, erva-sabina, caulezinho de briônia branca, serpão etc. – é retomada com precisão no próprio momento de preceituar seu uso. Ou seja, as primeiras substâncias incluídas na lista em pauta são de fato as primeiras cujo uso medicinal o tratadista abordará, quando esclarece como sanar as doenças ou dores do gado doméstico; o mesmo, por sua vez, ocorre com aquelas do meio e do fim da listagem:

Entre as ervas, estas: absinto, folhas de alcaparra, marroio, erva sabina, caulezinho de *briônia branca*, *serpão*, *cebola-albarrã* [...] ³¹

Muitos medicam os bois com caules de *briônia branca* e vagens. Alguns misturam em vinho a pele triturada de uma serpente. É ainda remédio o *serpão* triturado com vinho doce, é a *cebola-albarrã* picada e macerada em água. Todas as poções supracitadas, dadas por três dias em doses de três hêminas ao dia, purgam o ventre e refazem as forças, eliminados os males. ³²

Para contraste com a facilidade de obter ou localizar informações no tratado *Opus agriculturae*, trazemos o exemplo extremo do *De agri cultura*

³⁰ [...] libros de leyes, indudablemente cuando ya no se escribía en volúmenes sino en códices, como debió de ocurrirle al tratado de Paladio.

³¹ Paládio, *Opus agriculturae* 14.3.1: *In herbis haec: absinthi herbam, capparis folia, marrubium, herba sabina, uitis albae coliculos, serpillum, squilla* [...] – grifo nosso.

³² Paládio, *Opus agriculturae* 14.4.4: *Multi caulibus uitis albae et uauulis bubus medentur. Nonnulli pellem serpentis obtrititam cum uino miscent. Est etiam remedio cum dulci uino tritum serpillum, est concisa et in aqua macerata scylla. Omnes praedictae potiones, trium heminarum singulis portionibus per triduum datae, aluum purgant depulsisque uitiis recreant uires* (grifo nosso).

catoniano, o qual constituiu experiência pioneira no âmbito dos manuais em Roma Antiga e, assim, ainda titubeou em um ponto como a organização. Nessa pequena obra, provavelmente concebida como simples livro de notas de um fazendeiro e publicada por volta de 160 a.C., não há *tituli* ou índice(s), não ocorre distribuição previsível de conteúdos no interior de cada capítulo, nem parece existir um princípio de todo abrangente para a distribuição dos tópicos no conjunto de seus cento e sessenta e dois capítulos (GOUJARD, 1975, p. XXXIVss.).

3 “SILENCIAMENTOS” SOBRE AS FINANÇAS, O PESSOAL AGRÍCOLA E OS RITOS RELIGIOSOS

Também foi notado pelos críticos que Paládio praticamente passa em silêncio vários assuntos de grande interesse para seus predecessores no campo da tratadística agrária, tais como as finanças, o pessoal rústico e os ritos religiosos. Como nos recorda Fitch (2013, p. 17) a respeito do primeiro ponto omitido por esse agrônomo, Columela tivera como meta de seu *De re rustica* demonstrar que a agricultura era um meio válido para a preservação e aumento do patrimônio herdado (*De re rustica* 1, prefácio 7-10).

Isso situaria o público de seu tratado entre os membros da elite imperial romana, os quais, desde há séculos – se pensarmos na camada dos senadores –, vinham estabelecendo sólidos laços com a posse e a exploração fundiária.³³ Devia ser a terra, para eles, sobretudo fonte financeira de *quaestus* (“lucro”), de modo que Columela “iniciou sua discussão sobre as várias ramificações da agricultura dando garantias quanto à sua rentabilidade”.³⁴

³³ Grimal, 1997, p. 131-132: Dans la réalité, l’agriculture italienne – la partie qui n’était pas laissée aux villes, municipes et colonies, pour leur propre subsistance – dépendait des grands propriétaires romains, les sénateurs, qui, traditionnellement, possédaient des domaines sur la terre italienne. [...] Une loi datant des années qui précédèrent la guerre d’Hannibal, interdisait aux sénateurs de posséder des navires dépassant un certain tonnage: ce qu’il fallait pour évacuer par mer les produits de leurs propriétés d’Étrurie, de Campanie ou d’Apulie, mais rien de plus. Les sénateurs ne devaient pas être des marchands, trafiquant avec les pays d’Orient ou les colonies grecques éparses sur la côte gauloise ou espagnole. – “Na verdade, a agricultura italiana – a parte que não era deixada para as cidades, municípios e colônias, para sua própria subsistência – dependia dos grandes latifundiários romanos, os senadores, que tradicionalmente possuíam propriedades em solo italiano. [...] Uma lei que data dos anos que precederam a guerra de Aníbal proibia aos senadores ter navios que excedessem certa tonelagem: o necessário para evacuar por mar os produtos de suas propriedades da Etrúria, Campânia ou Apúlia, nada mais. Os senadores não deviam ser comerciantes, negociando com os países do Oriente ou com as colônias gregas espalhadas pela costa gaulesa ou espanhola”.

³⁴ Fitch, 2013, p. 17: He began his discussion of several branches of farming by assessing their profitability.

Nesse sentido, justificam-se os diferentes benefícios que um solo rico e solto dá, no entender de um e outro agrônomo – ou seja, *quaestus* (“lucro”, em Columela, *De re rustica* 2.2.5) e *fructum* (“produtividade” em Paládio, *Opus agriculturae* 1.5.6) –, bem como as preocupações do escritor mais antigo com a contabilização de custos e ganhos, em mais de um aspecto.³⁵ Conforme observou o mesmo Fitch (2013, p. 17), ainda, o fazendeiro paladiano teria os próprios contornos sociais mais ou menos “borrados” e interage no campo visando a algo além da mera produção:

Devemos falar, se os deuses ajudarem, sobre a agricultura inteira, as pastagens, os edifícios rústicos – conforme os mestres arquitetos –, o achamento das águas e tudo aquilo que convém ao agricultor fazer ou alimentar *com vistas ao deleite ou à produtividade*, mas no todo dividido o seu tempo.³⁶

Não é inoportuno, se há água suficiente, que o chefe de família pense na edificação de banhos; isso contribuiria muito *tanto para o prazer quanto para a saúde*.³⁷

Referentemente ao segundo ponto temático omitido por Paládio, ou seja, os efetivos agentes no *fundus rusticus* que idealiza, na verdade pouco encontramos além de referências pontuais:

Não coloques *um dos escravinhos ternamente amados* à frente dos trabalhos do campo, pois sua confiança no amor passado faz esperar a impunidade da culpa presente.³⁸

³⁵ Stringer, 2020, p. 256: Cato writes of *rationes* for cash, grain, wine, and oil; Varro mentions livestock inventories; and Columella, who also refers to grain records [*De re rustica* 1.7.7], seems to suggest that the *uilicus* and his employer kept duplicate sets of books. There can be little doubt that all three made regular calculations concerning the resources needed to work their land, whether it was Cato checking man-days against output with his *uilicus*, Varro challenging Cato's estimated manning levels for vineyards and olive plantations, or Columella's evaluation of investments as a careful *rationator* [*De re rustica* 3.3.7]. – “Catão escreve sobre *rationes* para dinheiro, grãos, vinho e azeite; Varrão menciona registros de gado; e Columela, que também se refere a registros de grãos [*De re rustica* 1.7.7], parece sugerir que o *uilicus* e seu empregador mantinham conjuntos duplicados de livros. Há poucas dúvidas de que esses três faziam cálculos regulares sobre os recursos necessários para trabalhar suas terras, quer fosse Catão a verificar os dias de trabalho contrastados à produção, junto com seu *uilicus*, Varrão a desafiar os níveis estimados de pessoal de Catão para vinhedos e oliveais, ou a estimativa de Columela sobre os investimentos, como um *rationator* cuidadoso” [*De re rustica* 3.3.7].

³⁶ Paládio, *Opus agriculturae* 1.1.2: *Dicendum autem nobis est, si diuina fauerint, de omni agricultura et pascuis et aedificiis rusticis secundum fabricandi magistris et aquae inuentionibus et omni genere eorum, quae uel facere uel nutrire oportet agricolam ratione uoluptatis et fructus, suis tamen temporibus per uniuersa distinctis* (grifo nosso).

³⁷ Paládio, *Opus agriculturae* 1.39.1: *Non alienus est, si aquae copia patiat, patremfamilias de structura balnei cogitare; quae res et uoluptati plurimum conferat et saluti* (grifo nosso).

³⁸ Paládio, *Opus agriculturae* 1.6.18: *Agri praesulem non ex dilectis tenere seruulis ponas, quia fiducia praeteriti amoris ad inpunitatem culpa praesentis spectat* (grifo nosso).

Quando, enfim, a grei tiver sido trazida ao destino, *que seja distribuída em diferentes redís entre os colonos*, pois se recupera mais facilmente em separado do que em grupo.³⁹

A ocorrência inicial avisa contra a atribuição de papel de comando, entre os cativos, a um antigo *puer* (“garoto [amado pelo dono]”) do senhor das terras, na medida em que o escravo escolhido para mandar por razões de afeto não necessariamente corresponderia a um agente agrário eficaz ou empenhado. A segunda, quase ao final do “Tratado de agricultura”, explica que, em caso de epidemia entre os rebanhos ovinos de certa região, o melhor seria espalhar os animais geograficamente, a fim de evitar o contágio simultâneo de todos devido à sua concentração numa única área atingida.

Caberia aqui dizer que, enquanto *seruus* e suas variações indicam inequivocamente o “escravo” possuído por alguém, o termo *colonus* corresponde no contexto ao indivíduo livre que explora um lote da terra alheia, pagando por isso com parte da produção ou de outras maneiras (KOLENDO, 1992, p. 169). A primeira acepção de “colono”, no entanto, parece ter sido a de um pequeno agricultor, passando pelas ideias de membro da Aristocracia senatorial ou equestre (CÍCERO, *De oratore* 2.287 *apud* KOLENDO, 1992, p. 169-170) e ocupante de uma colônia romana ou latina (que recebia terras para cultivar), até chegar à ideia vista de um arrendatário de agrícola.

Aprofundando condição do escravo em Roma Antiga, Thébert (1992, p. 121) comenta que o jurista Gaio, em suas *Institutiones* (séc. II d.C.), divide a humanidade em duas categorias básicas: livres e escravos. O estudioso moderno acrescenta – apesar das diferentes gradações cabíveis à dureza no trato com os cativos –⁴⁰ serem os escravos “definidos por um estatuto jurídico que, no seu conjunto, os priva da sua personalidade, os transforma em objetos que se podem vender ou comprar, os submete à autoridade do senhor, em sua, os identifica com os animais domésticos” (THÉBERT, 1992, p. 121).

Por sua vez, pronunciando-se de modo mais detido sobre o *colonus* e sua atuação na época tardia do Império romano (séc. III em diante), Sirago (1995, p. 169) comenta que, apesar da condição livre desse agente agrário antigo,

³⁹ Paládio, *Opus agriculturae* 14.29.4: *Cum deinde grex ad locum fuerit perductus, in laciniis colonis distribuat, nam particulatim facilius quam uniuersum conualescit* (grifo nosso).

⁴⁰ Outro aspecto comentado por Thébert (1992, p. 121-122) e que interessa ao contexto da citação da escravatura em *Opus agriculturae* 1.6.18 é a cisão entre os cativos da cidade, em geral não privados do convívio direto com o senhor e encarregados de trabalhos mais “leves”, e aqueles do campo, vistos como meras engrenagens da maquinaria produtiva agrária, sendo explorados ao máximo. Ora, na passagem em jogo do “Tratado de agricultura”, o autor parece aderir à ideia tradicional de que a rotina no campo deve organizar-se de maneira apenas prática, sem espaço para a escolha de prediletos entre os escravos nem quaisquer tratamentos diferenciados a eles, por esse motivo.

tratou-se de indivíduos mais e mais vinculados à sede onde trabalhavam, os quais não podiam deixá-la sem consentimento alheio ou isentos de acertos com o senhor.⁴¹ De forma mais ou menos espantosa, o historiador italiano ainda refere que legislação foi favorecendo, diante das muitas obrigações do colono durante a Era imperial, a aproximação efetiva entre sua condição e a dos escravos (mas *Opus agriculturae*, em si, não apresenta qualquer detalhamento para o assunto).⁴²

Em partes de *Opus agriculturae* diferentes das supracitadas, o mundo dos trabalhadores é apenas evocado de forma indireta (como quando se diz que “dando-se a vindima por fases segundo a diversidade das vinhas, *um número menor de dias de trabalho* poderá acabá-la”).⁴³ Ou seja, tais “dias” deverão, obviamente, ser preenchidos pelas tarefas dos colhedores de uvas, sejam eles de que tipos forem.

Semelhante “omissão” do aspecto do pessoal rústico, tal como se dá no “Tratado de agricultura” paladiano, obviamente não encontra eco em seus principais predecessores. Já Catão, em *De agri cultura* 2, ocupara-se das funções do *uilicus* (“capataz”) no *fundus rusticus* e daquelas de sua companheira, a *uilica*, em cap. 143; Varrão, nos *Rerum rusticarum libri III*, desenvolvera vários temas conexos com a parte do *instrumentum uocale* nas terras de cultivo (1.17.2; 1.22.6 etc.); Columela, um caso extremo, dedicara praticamente todo o livro 11 de sua obra a preceituar sobre as obrigações do *uilicus* e o livro 12 a esboçar o perfil da *uilica*...

Por fim, detalhe bem notado por Casas (1990, p. 35), não se encontram descrições ou sequer alusões a quaisquer ritos religiosos (do paganismo ou distintos) ao longo dos livros de *Opus agriculturae*,⁴⁴ sendo até os nascimentos

⁴¹ Sirago, 1995, p. 171: Un frammento di Scevola (II sec. d.C.) riguarda quegli affittuari che, con degli arretrati ancora da pagare, lasciano la proprietà dietro versamento di una cauzione (D. XXXIII 7,20,3). – “Um fragmento de Cévola (séc. II d.C) diz respeito aos arrendatários que, com dívidas ainda por pagar, abandonam a propriedade mediante o pagamento de uma caução (D. XXXIII 7,20,3)”.

⁴² Sirago, 1995, p. 171: Resta l'impressione che suscitano i termini con i quali si invitano i proprietari dei coloni che meditavano la fuga a tenerli in catene: “Affinché adempiano a quei doveri che incombono su uomini liberi con una punizione da schiavi” (síntesi in Marcone, 1993). – “Resta ainda a impressão causada pelos termos com que os donos dos colonos que pensavam em fugir são convidados a mantê-los acorrentados: ‘Para que cumpram os deveres que são incumbência de homens livres com um castigo de escravos’ (resumido em Marcone, 1993)”.

⁴³ Paládio, *Opus agriculturae*, 3.9.13: ... *pro generum diuersitate per gradus accedente uindemia minor operarum numerus eam poterit expedire* (grifo nosso).

⁴⁴ Em contrapartida, a recomendação da magia não é incomum nos livros da mesma obra, como se dá em *Opus agriculturae* 14.17.2 (lançamento de poeira ou esterco, por alguém, sob suas pernas enquanto agachado, conjurando simultaneamente que os vermes também sejam “lançados” dos equinos a sofrerem com tais parasitas). Corresponde o emprego de palavras e atos mágicos, por sinal, a algo encontrado já em Catão, *De agri cultura* 160.

dos astros que davam ensejo a eles referidos apenas de passagem pelo agrônomo, com fins meramente práticos. Ora, semelhante omissão temática coloca o “Tratado de agricultura” em posição realmente peculiar no ponto da seletividade dos assuntos a serem desenvolvidos, pois tais ritos abundavam nas páginas de outras obras romanas de agronomia.

o *De agri cultura* catoniano, por exemplo, descreviam-se oferendas sagradas em cap. 132 (a Júpiter Dapalis ou Vesta), cap. 134 (a Ceres, Jano, Júpiter e Juno), cap. 143 (aos Lares) etc. O primeiro diálogo dos *Rerum rusticarum libri* III de Varrão, não podemos esquecer, tinha como “cenário” o templo de *Tellus* – a deusa “Terra” dos romanos – e como data fictícia as *Feriae sementiuae*⁴⁵ de 24-26 de janeiro:

Nas *Feriae sementiuae*, eu fora ao templo de *Tellus* convidado pelo *aeditumus*, como costumamos dizer com nossos ancestrais, ou pelo *aedituus*, como somos corrigidos desde há pouco pelos puristas. Encontrei ali C. Fundânio, meu sogro, o cavaleiro romano e socrático C. Ágrio e o publicano P. Agrásio, olhando uma pintura da Itália sobre a parede. “Que vos traz aqui?”, disse, “Acaso as *Feriae sementiuae* vos trouxeram aqui para passar o feriado, como costumavam nossos pais e avós?” “Nós, de fato”, disse, “como penso, viemos pelo mesmo motivo que tu, a convite do *aeditumus*”.⁴⁶

O próprio Columela, em *De re rustica*, absolutamente não negligenciara os ritos ou sacrifícios divinos:

Columela está profundamente interessado em práticas religiosas e obviamente sustenta que a devida observância dos deveres religiosos tem efeito benéfico sobre a produção da fazenda. Ele apresenta um longo capítulo sobre as tarefas que podem ou não ser realizadas em dias de celebração religiosa. Entre as tarefas proibidas estão transportar árvores que foram derrubadas, abrir um novo terreno, semear, cortar

⁴⁵ Robert, 1985, p. 295: On a dit que cette fête ouvrait la période des semailles de printemps. En fait, nous avons vu que le blé ne se semail que rarement à cette époque. Il est déjà dans la terre depuis novembre; quant aux autres ensemencements ils ne débutent qu’après le 7 février. [...] Il s’agit donc plutôt d’un rituel destiné à sauvegarder les semis et à leur assurer, au sein de la terre, une bonne croissance. – “Dizia-se que este festival abria o período de semeadura da primavera. De fato, vimos que o trigo raramente era semeado nessa época. Ele já está no solo desde novembro; quanto às outras semeaduras, elas só começam depois de 7 de fevereiro. [...] Trata-se, portanto, antes de um ritual destinado a salvar as mudas e a assegurar-lhes, dentro da terra, um bom crescimento”.

⁴⁶ Varrão, *De re rustica* 1.2.1-2: *Sementiuis feriis in aedem Telluris ueneram rogatus ab aeditumo, ut dicere didicimus a patribus nostris, ut corrigimur a recentibus urbanis, ab aedituo. Offendi ibi C. Fundanium, socerum meum, et C. Agrium equitem R. Socraticum et P. Agrasium publicanum spectantes in pariete pictam Italiam. Quid uos hic? inquam, num feriae sementiuae otiosos huc adduxerunt, ut patres et auos solebant nostros? Nos uero, inquit Agrius, ut arbitror, eadem causa quae te, rogatio aeditumi. Aeditumus/aedituus é o “sacristão” ou guardador de um templo antigo.*

fenô ou colher na vindima ou tosquiavar ovelhas, a menos que se tenha, primeiro, sacrificado um cachorrinho [*Opus agriculturae*, 2.21.4].⁴⁷

De nossa parte, preferimos atribuir mais essa omissão paladiana ao caráter prático e maciçamente focado nas plantas e animais de *Opus agriculturae*, de modo que certos assuntos “anexos” a semelhante núcleo temático básico acabaram quase preteridos. Além disso, sua época foi de decisiva transição religiosa ao Cristianismo – já desde a “conversão” do imperador Constantino em 312 d.C. –,⁴⁸ implicando, de tempos de tolerância para com as crenças antigas, em gradativo cerco aos pagãos.⁴⁹ Portanto, teria sido inclusive cauteloso, por parte de Paládio, não reforçar em excesso seus elos para com um sistema religioso em decadência.

Se semelhante “discrição” de seus escritos poderia frustrar algumas expectativas dos leitores habituados à tradição pregressa dos escritos agrônômicos latinos, não deixa de representar, sob outro ângulo, a original abertura da obra para usos bastante maleáveis, de acordo com as preferências financeiras, de manejo de pessoal e religiosas⁵⁰ de cada senhor de terras (em sua época ou nas posteriores).

⁴⁷ Forster, 1950, p. 127: Columella is deeply interested in religious practices and obviously holds that the proper observation of religious duties has a beneficial effect on the produce of the farm. He has a long chapter on the tasks which may or may not be performed on days of religious festival. Amongst the things forbidden are hauling of trees which have been felled, opening up of new ground, sowing seed, cutting hay, or gathering in the vintage or shearing sheep, unless you have first sacrificed a puppy [*Opus agriculturae*, 2.21.4].

⁴⁸ Veja-se verbete “Constantine the Great”, o qual está contido na *Catholic Encyclopedia*, <<https://www.newadvent.org/cathen/04295c.htm>>, acesso em 14 de junho de 2013: For a time it seemed as if merely tolerance and equality were to prevail. Constantine showed equal favour to both religious. As *pontifex maximus* he watched over the heathen worship and protected its rights. The one thing he did was to suppress divination and magic; this the heathen emperors had also at times sought to do. – “Por um tempo, parecia que apenas a tolerância e a igualdade iriam prevalecer. Constantino mostrou favor igual a ambos os religiosos. Como *pontifex maximus*, olhava pelo culto pagão e protegia seus direitos. A única medida que tomou foi suprimir a adivinhação e a magia; mas isso os imperadores pagãos, às vezes, também procuraram fazer”.

⁴⁹ Brown, 2017, p. 102: Nel 414, i monaci egiziani scandalizzarono l’opinione dei benpensanti linciando una nobile signora di Alessandria, Ipazia. Il paganesimo, dunque, veniva drasticamente demolito dal basso. Per i pagani, intimoriti da questa inaspettata ondata di terrorismo, era la fine del mondo. “Se noi siamo vivi”, – scriveva uno di loro, – “allora è la vita stessa che è morta”. – “Em 414, os monges egípcios scandalizaram os bem-pensantes ao lincharem uma nobre dama de Alexandria, Hipátia. O paganismo, portanto, foi drasticamente demolido por baixo. Para os pagãos, intimidados por esta inesperada onda de terrorismo, foi o fim do mundo. ‘Se estamos vivos’ – escreveu um deles – ‘então é a própria vida que está morta’”.

⁵⁰ Casas, 1990, p. 35: Al margen de que la mentalidad cristiana que transmitió la obra de Paladio en la Edad Media hubiera podido valorar positivamente estas ausencias, lo importante es la gran simplificación que suponía la subdivisión por meses enteros [...]. – “Além do fato de que a mentalidade cristã que transmitiu a obra de Paládio na Idade Média poderia ter valorizado

CONCLUSÃO

Em suma, quando contrapomos Paládio a seus predecessores na série dos escritos agrários em Roma, pontos como a estruturação do “Tratado de agricultura” sob a forma de um calendário civil, os contornos específicos do *Carmen de insitione* (no cotejo com a poesia didática anterior), o incomum equilíbrio da linguagem e do estilo, a maior facilidade de consulta (propiciada pelos *tituli*, índices etc.) e a opção por “calar” aquilo de não idêntico à estrita produtividade constituem óbvios diferenciais desse agrônomo.

Discordamos, portanto, daqueles que veem nele simples compilador das ideias alheias,⁵¹ como se sua contribuição muito pouco tivesse representado para o fecho da tradição tratadística na qual se insere. Afinal, compositiva e retoricamente, não lhe foram vãs as qualidades de uma generalizada parcimônia e de uma notável capacidade organizadora, assim se garantindo a sobrevivência do saber agrário antigo por muitos séculos (CARTELLE, 2007, p. 798-799).

REFERÊNCIAS

- AGUILAR, David Paniagua. *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II d.C.)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.
- ANDRÉ, Jacques. *Les noms des plantes dans la Rome antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.
- ARMENDÁRIZ, José-Ignacio García. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla/Cádiz: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.
- BROWN, Peter. *Il mondo tardo antico: da Marco Aurelio a Maometto*. Traduzione di Maria Vittoria Malvano. Torino: Einaudi, 2017.
- CARTELLE, Enrique Montero. Prosa técnica no gramatical. In: CODONER, Carmen (org.). *Historia de la literatura latina*. Madrid: Cátedra, 2007, p. 795-810.
- CASAS, Ana María Moure. Introducción. In: PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinaria; Poema de los injertos*. Trad., introducción y notas de Ana Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990, p. 7-71.
- CATO; VARRO. *On agriculture*. With an English translation by William Davis Hooper, revised by Harrison Boyd Ash. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press, 2006.

positivamente essas ausências, o que importa é a grande simplificação implicada na subdivisão por meses inteiros [...]”.

⁵¹ Cartelle, 2007, p. 798: Sorprende en este sentido *la falta de originalidad* achacada a Paladio, quien en agricultura tenía como fuente básica a Columela, en arboricultura y horticultura a Gargilio Marcial y en arquitectura a Faventino, con la tendencia además a seguir para cada tema una de sus fuentes exclusivamente, a lo sumo, a presentar las opiniones encontradas. – “Nesse sentido, surpreende *a falta de originalidade* atribuída a Paládio, que teve como fonte básica Columela na agricultura, Gargílio Marcial na arboricultura e horticultura, e Faventino na arquitetura, ainda com a tendência de seguir para cada tema uma de suas fontes exclusivamente, no máximo, de apresentar as opiniões encontradas” (grifo nosso).

- COLUMELLA. *L'arte dell'agricoltura*. Traduzione di Rosa Calzecchi Onesti. Torino: Einaudi, 1977.
- FICHT, John G. Introduction. In: PALLADIUS. *The work of farming*. A new translation from the Latin by John G. Fitch. London: Prospect Books, 2013, p. 11-28.
- FORSTER, E. S. Columella and his Latin treatise on agriculture. *Greece and Rome*, Cambridge, vol. 19, issue 57, p. 123-128, October 1950.
- GOUJARD, Raoul. Introduction. In: CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, trad. et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975, p. VII-LIV.
- GRIMAL, Pierre. *Virgile, ou la seconde naissance de Rome*. Paris: Flammarion, 1985.
- KOLENDO, Jerzy. O camponês. In: GIARDINA, Andrea (org.). *O homem romano*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1991, p. 169-178.
- MARTIN, Régis F. Introduction. In: PALLADIUS. *Traité d'agriculture: livres I et II*. Texte établi et traduit par Régis F. Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976, p. VII-LXVII.
- MEYER, Ernst H. F. *Geschichte der Botanik: zweiter Band*. Königsberg: Verlag der Gebrüder Bornträger, 1855.
- PALLADIUS. *Das Bauernjahr*. Herausgegeben und übersetzt von Kai Brodersen. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2016.
- PALLADIUS. *The work of farming*. A new translation from the Latin by John G. Fitch. London: Prospect Books, 2013.
- ROBERT, Jean-Noël. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- SAINT-DENIS, Eugène de. Syntaxe du latin parlé dans les *Res rusticae* de Varron. *Revue de Philologie*, Paris, année et tome XXI, p. 141-162, 1947.
- SIRAGO, Vito A. *Storia agraria romana: I fase ascensionale*. Napoli: Liguori Editore, 1995.
- STRINGER, Mick. *Impensae, operae, and the pastio uillatica*. In: ERDKAMP, Paul; VERBOVEN, Koenraad; ZUIDERHOECK, Arjan. (org.). *Capital, Investment, and Innovation in the Roman World*. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 253-273.
- THÉBERT, Yvon. O escravo. In: GIARDINA, Andrea (org.). *O homem romano*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1991, p. 117-145.
- TOOHEY, Peter. *Epic Lessons: an introduction to the ancient didactic poetry*. London/New York: Routledge, 1996.
- TREVIZAM, Matheus. Forma didática e adaptação da poética elegíaca na *Arte de amar* de Ovídio. *Phaos*, Campinas, vol. 4, p. 129-139, 2009.
- TREVIZAM, Matheus. Tipologias literárias e exposição técnica em Virgílio e Paládio. *Phaos: Revista de Estudos Clássicos*, Campinas, vol. 22, p. 1-22, 2022.
- TREVIZAM, Matheus. Tradução do livro 15 do *Opus agriculturae* de Paládio. *RÓNAI: Revista de Estudos Clássicos e Tradutórios*, Juiz de Fora, vol. 9, n. 2, p. 154-177, 2021.
- VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. *Épica I: Ênio e Virgílio*. Campinas: Unicamp, 2014.
- VIRGIL. *Georgics. Volume I – books III*. Edited by R. F. Thomas. Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 1-34.
- VOLK, Katharina. *The poetics of Latin didactic: Lucretius, Vergil, Ovid, Manilius*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- Verbetes “Constantine the Great”, o qual está contido na *Catholic Encyclopedia*, <<https://www.newadvent.org/cathen/04295c.htm>>, acesso em 14 de junho de 2013.

Recebido: 16/6/2023

Aceito: 28/8/2023

Publicado: 14/9/2023